

A Sucessão Vista sob a Ótica da Transferência da Doutrina do Cooperativismo Entre e Intra as Gerações de Famílias de Cooperados: Um Caso de Associados de Cooperativa

Succession observed from the Point of View of Transfer of the Doctrine of Cooperativism Between and Intra Generations of Cooperated Families: One case of Members of a Cooperative

Geórgia Luiza Maldaner¹ e Rejane Inês Kieling².

1. Acadêmica do Curso de MBA em Gestão Estratégica do Agronegócio da Faculdade de Tecnologia do Cooperativismo.

2. Orientadora, Prof. Dr^a. do Curso de MBA em Gestão Estratégica do Agronegócio da Faculdade de Tecnologia do Cooperativismo.

georgiamaldaner@yahoo.com.br e rejanekieling@hotmail.com

Palavras-chave

Cooperativismo
Cooperativas agropecuárias
Memória

Keywords

Agricultural cooperatives
Cooperativism
Memory

Resumo: Manter e transferir o espírito do Cooperativismo entre e intra gerações de famílias tem sido bastante desafiador diante de um mundo cada vez mais globalizado, onde as crenças, sentimentos e culturas estão cada vez mais diferenciados nas diferentes gerações de uma propriedade rural. Este estudo teve como objetivo compreender como o espírito do Cooperativismo é transferido através das gerações que compõem uma propriedade rural e como as Cooperativas Agropecuárias são importantes neste processo, a fim de que elas também se fortaleçam diante deste cenário. A pesquisa foi realizada com um grupo de cooperados da Cooperativa Triticola Taperense Ltda. (Cotrisoja) através de entrevistas, buscando identificar sentimentos, crenças e respostas referentes ao tema. Concluiu-se que quanto mais forte for as crenças e sentimentos sobre o cooperativismo em todas as gerações de família e quanto maior for a aproximação da Cooperativa com seus cooperados, mais facilmente o espírito do Cooperativismo é transferido para as próximas gerações, o que gera um futuro promissor para as nossas Cooperativas Agropecuárias.

Abstract: Maintaining and transferring the spirit of Cooperativism between and within generations of rural families has been quite challenging in the face of an increasingly globalized world, where beliefs, feelings and cultures are increasingly differentiated across different generations of rural property. This study aimed to understand how the spirit of Cooperativism has been transferring through the rural properties generations and how agricultural cooperatives are important in this process, so that they also strengthen themselves in this scenario. The research was conducted with a group of members of Cooperativa Triticola Taperense Ltda (Cotrisoja) using interviews, seeking to identify feelings, beliefs and answers regarding the theme. The research could conclude that how much stronger are the beliefs and feelings about cooperativism, in all generations of families, and how closer the family members are from the cooperative it's easier to transfer the spirit of Cooperativism to the next generations. Aspect that creates a promising future for our Agricultural Cooperatives.

Artigo recebido em: 23/04/2019

Aprovado para publicação em: 10/03/2020

INTRODUÇÃO

O Cooperativismo surgiu na época da Revolução Industrial, quando um grupo de operários, buscando solucionar os problemas econômicos da época, decidiu formar e associar-se em forma de cooperativa, trazendo inúmeros benefícios para as famílias, pois juntos eram capazes de alcançar seus objetivos com maior facilidade. Com o passar dos anos, o Cooperativismo foi se difundindo e chegou ao Brasil através dos imigrantes alemães e italianos, que passaram a formar as Cooperativas de crédito e agropecuárias, que hoje são muito importantes para o Agronegócio brasileiro.

As Cooperativas agropecuárias surgiram em nossa região através de pequenos agricultores que sentiram a necessidade de se unir em busca de melhores resultados, oportunidades de negócios, compra de insumos com melhores preços, venda dos produtos agrícolas de forma conjunta visando preços vantajosos, acesso a novas tecnologias, participação mais ativa na economia.

Com o passar dos anos, a forma de produzir na agricultura foi evoluindo e a tecnologia foi ganhando cada vez mais espaço, fazendo com que a sociedade se adaptasse a um mundo mais globalizado, ágil e competitivo. A partir da inserção do modo capitalista no meio agrícola, surgiram inúmeras empresas com características comerciais que entraram no mercado para competir diretamente com as Cooperativas. Estas empresas têm trabalhado junto aos agricultores levando insumos para a lavoura com preços vantajosos e buscando a produção de grãos oferecendo preços, por vezes, melhores que os das Cooperativas. Porém, os seus objetivos são exclusivamente comerciais e de rentabilidade econômica individual, o que difere em muito com o trabalho das Cooperativas, uma vez que estas estão preocupadas em desenvolver a atividade rural do seu associado de maneira rentável e duradoura, levando assistência técnica de qualidade, informações, tecnologias e manejos diferenciados que vão trazer melhores resultados para o associado, a Cooperativa e a sociedade como um todo.

Hoje, as cooperativas agropecuárias são vistas como instituições de influência direta sobre as propriedades familiares, sendo qualificadas como uma “extensão da propriedade do associado”, já que suas atuações vão muito além dos aspectos econômicos e produtivos. A interação com os associados, através de assistência técnica, fornecimento de crédito, comercialização da produção, aperfeiçoamento produtivo e tecnológico, formação e informação são características que dão às cooperativas a possibilidade de influenciar as decisões do seu associado como, por exemplo, a permanência de um sucessor na propriedade. A tomada de decisão de um jovem permanecer no meio rural pode ter ligação intrínseca com a capacidade da cooperativa em atender as necessidades profissionais e sociais do sucessor em potencial, o que a torna uma das entidades mais aptas (se não a mais apta) a trabalhar o tema da sucessão. Além disso, vale frisar que a sucessão geracional não diz respeito apenas à sobrevivência das propriedades rurais, mas também a sobrevivência das próprias cooperativas agropecuárias, pois com a saída cada vez mais acentuada dos jovens do campo para a cidade e a competitividade no setor agrícola, dada pelas empresas com vínculo apenas comercial, fica a perspectiva de como se dará a renovação das gerações de agricultores no campo e do corpo de associados das cooperativas.

Neste sentido, têm-se uma compreensão de que as cooperativas possuem certa responsabilidade na sucessão das propriedades de seus associados e também em manter vivo os princípios do cooperativismo entre e intra as gerações de agricultores. Além de serem organizações com responsabilidade social, atuando no meio rural como promotoras de desenvolvimento, as cooperativas apenas mantêm e renovam o seu quadro social através da sucessão dos filhos de agricultores (possíveis associados) no lugar dos seus pais (antigos associados).

A partir deste entendimento a presente pesquisa direciona-se à compreensão de como se mantêm vivo e se dá a transferência do espírito do Cooperativismo entre e intra as gerações de famílias de associados da Cooperativa Triticola Taperense Ltda., diante a um mundo cada vez mais globalizado, com cultura e sentimentos cada vez mais diferenciados e que geram grandes desafios para o futuro das propriedades agrícolas bem como das Cooperativas Agropecuárias.

REFERENCIAL TEÓRICO

O cooperativismo é um modelo econômico que vem se mostrando como uma alternativa na forma de organização da produção proveniente das propriedades, inserindo seus produtos no mercado globalizado. As cooperativas agropecuárias possuem o papel fundamental de desenvolver o Cooperativismo junto aos seus cooperados e sociedade, buscando sempre trabalhar os seus princípios em todas as gerações de família da propriedade rural.

Mas, com a evolução da tecnologia, o mercado se tornou mais competitivo e complexo, sendo que as empresas comerciais agrícolas cresceram no mercado e passaram a entrar nas propriedades levando preços competitivos, fazendo com que os agricultores passassem a não levar mais em conta todos os benefícios que uma Cooperativa poderia lhes trazer e sim apenas as vantagens ao seu próprio bolso naquele momento.

Além disso, a geração mais nova das propriedades rurais está bastante ligada a tecnologia e sempre em busca de melhores alternativas econômicas, o que preocupa a questão da sucessão familiar e o futuro das Cooperativas, uma vez que a maioria dos jovens vai para as cidades em busca de melhores oportunidades de vida, e a minoria que fica na propriedade está cada vez mais distante dos princípios do Cooperativismo, o que de certa forma preocupa o futuro das Cooperativas agropecuárias.

Por isso, para compreender-se os significados da sucessão familiar por parte dos atores que fizeram parte da presente pesquisa, faz-se necessário revisar a base conceitual que deu origem à doutrina do cooperativismo, seus valores e princípios. Sendo que, entre os princípios balizadores do cooperativismo, tem-se na educação cooperativista o principal pilar capaz de responder aos anseios ligados aos incentivos que as cooperativas (no caso deste artigo, do ramo agropecuário) precisam desenvolver e praticar para que os jovens permaneçam no meio rural e possam transmitir os valores do cooperativismo às gerações futuras.

O COOPERATIVISMO

O Cooperativismo é um movimento social e econômico, entre pessoas que tem um objetivo comum, promover o desenvolvimento econômico e o bem-estar social de todos os envolvidos. (SILVA, SANTOS E OLIVEIRA, 2012). Segundo Rosa e Alves (2017), nos tempos mais primórdios o associativismo e o trabalho em conjunto como forma de cooperação foram essenciais para que as propriedades da época pudessem sobreviver, uma vez que juntos compravam insumos com melhores preços, trabalhavam juntos e o que obtinham do trabalho vendiam e dividiam os lucros, sendo que com o passar dos anos está prática foi se tornando comum e bastante utilizada.

O Cooperativismo surgiu como forma de amenizar os problemas provocados pela Revolução Industrial, como o desemprego, devido a emigração dos camponeses para as cidades em busca de melhores condições de vida, as péssimas condições de trabalho que geraram doenças e descontentamento nas pessoas, e ainda sa-

lários desumanos que não proporcionavam nem as condições mínimas de vida decente (SILVA, SANTOS E OLIVEIRA, 2012).

Com isso, em 1844, na cidade de Rochdale-Manchester, no interior da Inglaterra, um grupo de 28 trabalhadores se uniram para montar seu próprio armazém. A proposta era simples: comprar alimentos em grande quantidade, para conseguir preços melhores; e tudo o que fosse adquirido (lucro) seria dividido igualmente entre o grupo. Nascia, então a primeira Cooperativa, que surgiu pautada sobre valores e princípios morais considerados até hoje a base do Cooperativismo, entre eles a honestidade, a solidariedade, a equidade e a transparência (SISTEMA OCB, 2019).

No Brasil, segundo Fabris (2012), os imigrantes italianos e alemães trouxeram em suas origens europeias, as práticas da ajuda mútua, a bagagem cultural, o trabalho associativo e as atividades familiares, além do gosto pelo trabalho comunitário. Partindo desses princípios, fortaleceu-se as práticas da cooperação; a formação de centros comunitários e a idealização da primeira cooperativa agrícola de produtores rurais no Rio Grande de Sul em 1906.

No decorrer da história do cooperativismo gaúcho, muitas cooperativas surgiram nos diferentes ramos: agrícola, agropecuário, crédito, saúde, trabalho. No ramo agropecuário, as cooperativas se tornaram a principal alternativa para a superação de problemas e fortalecimento de muitas atividades produtivas, pois através do cooperativismo ocorre a conquista de melhores resultados, bem como o acesso a novas tecnologias, crédito, oportunidade de negócios mais lucrativos para o todo, oportunidade de ingresso em mercados mais competitivos, oportunidade de adquirir insumos de melhor qualidade e com custo mais acessível, vantagens fiscais, entre outros (ANDRADE E ALVES, 2013).

As Cooperativas agropecuárias, segundo Andrade e Alves (2013), são organizações formadas por um grupo que possui um objetivo em comum, e elas ganharam força nos anos de 1950, quando em nossa região iniciou-se o cultivo da soja e do trigo em escala. Os agricultores da época, dotados de um espírito cooperativista juntaram-se para poder comprar insumos de qualidade em conjunto e para poder armazenar seus produtos e vendê-los com maior valor, o que se tornava mais fácil e viável na época. A partir dali, as Cooperativas se desenvolveram e se fortaleceram acompanhando sempre a evolução das tecnologias e do mercado. Algumas Cooperativas, porém, não conseguiram acompanhar as evoluções e foram extintas ou incorporadas por outras, gerando motivos para questionamentos e descrédito quanto ao modelo de organização, ou seja, do cooperativismo (FABRIS, 2012).

Em setembro de 1995, em Manchester na Inglaterra, a Aliança Cooperativa Internacional, preocupada com o bom desenvolvimento do Cooperativismo, estabeleceu os princípios Cooperativistas e suas definições (SILVA, SANTOS E OLIVEIRA, 2012):

1. Adesão Livre e Voluntária: todas as pessoas que estejam aptas a utilizar o serviço da Cooperativa, e dispostas a assumirem responsabilidades como membros são livres para ingressar na Cooperativa;
2. Gestão democrática: as cooperativas são organizações democráticas controladas por todos os seus cooperados que participam ativamente na formulação de políticas e tomadas de decisões. São eleitos alguns cooperados que representarão os demais, sendo que cada cooperado tem direito a um voto;
3. Participação econômica dos sócios: os membros contribuem equitativamente para o capital da Cooperativa e controlam-no democraticamente, sendo que se houverem maiores receitas do que despesas, as sobras poderão ser divididas entre todos os sócios ou investidos na Cooperativa;
4. Autonomia e independência: as Cooperativas são instituições autônomas, controladas pelos seus membros, buscando atuar com a ajuda mutua e a gestão democrática;

5. Educação, formação e informação: as cooperativas promovem a educação, formação e informação dos seus cooperados, dirigentes e colaboradores, buscando o desenvolvimento conjunto. Informam o público em geral, principalmente jovens e formadores de opinião, as vantagens da Cooperação;

6. Intercoperação: este princípio aborda a necessidade de haver a intercooperação entre cooperativas, as quais realizam a troca de informações e experiências através de compras e/ou vendas em comum com a intenção de fortalecer o Movimento Cooperativista.

7. Preocupação com a comunidade: as cooperativas trabalham para o desenvolvimento sustentável de suas comunidades, por meio de políticas aprovadas por seus membros.

Nos dias atuais, é muito importante que estes sete princípios sejam trabalhados dentro da Cooperativa, para que o espírito cooperativista fique claro aos associados e sua família, e que estes se sintam motivados e dispostos a cooperar, fortalecendo a Cooperativa e todo o sistema na qual estão inseridos. (FELIPPI et al, 2018).

Ainda, de acordo com Memlak e Dewes (2014), dentre os vários legados das Cooperativas, um deles é o de contribuir para a permanência do homem no campo, gerando assim melhor distribuição de renda e levando o bem-estar social a comunidades que ganham importância social e econômica.

Nos tempos modernos, o cooperativismo representa um importante instrumento de desenvolvimento e transformação empreendedora. Pesquisas mostram que regiões com a presença efetiva de cooperativas apresentam Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) melhor do que as demais localidades. Em setores como o agronegócio, que representa mais de 20% do PIB do país, quase 50% de toda a produção passa pelas cooperativas. Desse modo, podemos encarar o Cooperativismo como o importante propulsor do desenvolvimento, que devidamente estimulado, representa um ativo estratégico para a economia do país (ANDRADE, 2018).

DESAFIOS DO COOPERATIVISMO

Numa época em que o mundo experimenta um processo de profundas transformações, e que as sociedades regionais passam a estabelecer relações globalizadas, o liberalismo de mercado se expressa diretamente pela competitividade e o triunfo de novas relações entre os indivíduos, o ambiente das cooperativas passa a vivenciar novas formas de organização (BÜTTENBENDER, 2008).

As tendências atuais de mercado desafiam os modelos mais tradicionais de gestão como os das cooperativas. Mesmo, elas tendo seu papel na agricultura reconhecido, por oferecer estabilidade e segurança para os agricultores a ela ligados, as Cooperativas precisam lutar para se fortalecer frente a concorrência cada vez mais acirrada e às mudanças no ambiente competitivo (ANDRADE E ALVES, 2013).

Percebe-se que as Cooperativas agrícolas estão passando por adaptações em suas posturas diante da realidade de mudanças constante do mercado competitivo, uma vez que foram criadas e cresceram num período em que predominava a agricultura tradicional. Para fazer frente a nova realidade, elas buscaram se profissionalizar no que se refere ao processo de gestão e às relações com seus associados e se adaptar às regras de mercado, obtendo maior credibilidade (ANDRADE E ALVES, 2013).

Com a evolução da tecnologia e com um mundo cada vez mais globalizado e competitivo, o modelo produtivo requer que as Cooperativas tenham maior flexibilidade, bem como um maior controle e qualidade sobre o trabalho e a produção, para responder de forma mais ágil às novas demandas de mercado (ANDRADE E ALVES, 2013). Elas necessitam aprimorar suas ações a fim de garantir a “eficiência econômica” e respeito aos “princípios doutrinários”, na busca constante de resultados econômicos satisfatórios que permitam reali-

zar ações sociais em benefícios aos seus associados. Para a melhor compreensão é necessário registrar que a gestão pode ser conceituada “como um processo interativo de desenvolver e operacionalizar as atividades de planejamento, organização, direção e avaliação dos resultados das cooperativas”. (FABRIS, 2012, p. 51).

As cooperativas agropecuárias são fundamentais no contexto atual do Agronegócio Brasileiro, tanto em termos de volume de negócio, quanto para a difusão dos ideais cooperativistas. Porém, percebe-se que com o mercado cada vez mais competitivo e a presença de muitas empresas particulares no mercado que visam apenas o lucro, são poucas as cooperativas que conseguem permanecer com os ideais cooperativistas intactos, o restante acaba se corrompendo pelo sistema capitalista dominante, e passam a ser não mais do que empresas com características comerciais (ROSA E ALVES, 2017).

Em contrapartida, de acordo com Marschall (2009), as Cooperativas que conseguem manter o espírito cooperativista, representam segurança aos agricultores, em relação as empresas particulares, uma vez que os particulares estão cada vez mais presentes, crescentes e volúveis, negociando preços com os agricultores, porém não tem expectativas de criação de raízes na região e muito menos de desenvolvimento social da região.

Portanto, um dos maiores problemas que as Cooperativas enfrentam hoje é o oportunismo, onde os cooperados – pela sua própria busca de lucro – são tentados a comprar da Cooperativa apenas quando acharem os preços convenientes para eles e a cumprir o compromisso de entregar a sua produção somente quando não tiverem melhores oportunidades no mercado. Assim, se não existir uma gestão social forte que iniba esses comportamentos, as Cooperativas podem ficar presas a círculos viciosos que comprometem os seus resultados, bem como a doutrina do Cooperativismo (PRESNO, 2001).

Segundo Büttenbender (2008), os principais desafios do Cooperativismo estão concentrados nos seguintes pontos: promover ações que visem o trabalho integrado das Cooperativas; promover ações que visem à ação conjunta das cooperativas na organização; buscar o trabalho integrado das Cooperativas e associações; viabilizar a modernização das Cooperativas e associações; estudar e viabilizar formas de ações integradas entre cooperativa, associados e colaboradores; fomentar as práticas de defesa concreta dos interesses dos agricultores; gestionar políticas que viabilizem o fortalecimento e a ação integrada da produção, do crédito, da agro industrialização da produção; intensificar o trabalho de conscientização sobre a importância do cooperativismo em todos os níveis da sociedade.

Dentre estes desafios, as Cooperativas precisam trabalhar para manter forte a doutrina do Cooperativismo entre as gerações de associados e toda a sociedade, para que ela esteja cada vez mais bem estruturada e apoiada sobre uma base forte, para poder ser competitiva no mercado sem deixar de ser cooperativa.

ESPIRITO COOPERATIVISTA E O PAPEL DA EDUCAÇÃO COOPERATIVISMO

Com o passar dos anos e as transformações sociais que ocorreram no mundo, o próprio movimento cooperativista se transformou. Na busca da adequação ao mundo globalizado ficaram cada vez mais distintas duas vertentes do pensamento do cooperativismo: o doutrinário e o econômico, uma vez que cada vez mais as pessoas pensam no individual e no ganho econômico para si próprias, afastando-se das necessidades de trabalho coletivo e dos princípios do cooperativismo para alcançar melhores resultados (FORGIARINI, ALVES E MENDINA, 2018).

Em concordância, De Souza Costa (2007), afirma que hoje em dia o espírito cooperativista está, cada vez mais longe de suas raízes, dando margem para que exista inúmeras confusão, seja sobre o que realmente é, seja sobre o que se pode fazer.

Portanto, apesar do crescimento e consolidação no mercado, é necessário para toda a Cooperativa ter os ideais e princípios cooperativistas bem trabalhados dentro de si, de forma acessível a todos os associados, deste modo o associado percebe as vantagens de um sistema elaborado a partir da cooperação, percebendo o valor dos frutos do próprio trabalho, e assim disposto a proteger e contribuir para com o desenvolvimento desta prática (FELIPPI et all, 2018). Considera-se que a melhor forma de desenvolver-se esta prática no dia-a-dia da Cooperativa seja através da educação cooperativista.

Os pioneiros do cooperativismo defendiam a ideia de que a educação cooperativista era uma condição de desenvolvimento da própria cooperativa, pois as pessoas necessitavam compreender o sistema cooperativo para poder participar de forma efetiva (FORGIARINI, ALVES E MENDINA, 2018). Portanto, o papel da educação cooperativista é muito mais do que destacar os direitos e deveres do associado e as vantagens em se estar em uma cooperativa.

Segundo Frantz (2012), a educação como ação ou como prática social aparece, muitas vezes, nas organizações cooperativas de forma difusa, associada a processos de comunicação, de interação entre os associados, dirigentes, funcionários presentes no espaço da cooperação. Aparece como uma ação procurando influenciá-los em suas ideias, modo de pensar, de interpretar a vida social, especialmente a da realidade da cooperativa, sugerindo ou levando-os a comportamentos e visões de mundo favoráveis à prática cooperativa.

Na prática, percebe-se que a doutrina do cooperativismo não é bem compreendida e praticada pelos sócios da cooperativa e seus dirigentes. Muitas vezes, à medida que a Cooperativa se desenvolve e apresenta bons resultados econômicos, a doutrina, no caso representada pela educação e informação cooperativa é deixada de lado, não sendo repassada a novos sócios ou dirigentes da Cooperativa, resultando em uma incongruência entre valores e princípios do cooperativismo e a atividade de gestão da cooperativa.

Quando os associados de uma cooperativa não sentem a cooperativa como expressão dos seus interesses e objetivos, eles não têm vontade para participar ativamente e passam a reclamar do controle, da burocracia, da administração, ou seja, não estão engajados com o espírito cooperativista, o que reflete em problemas para o futuro da Cooperativa. Nesse contexto, a educação cooperativista é de suma importância para levar transparência e confiabilidade ao seu quadro social e cooperantes, fortalecendo a Cooperativa.

O que também observam Forgiarini, Alves e Mendina (2018), é que quando o cooperado participa desde o início da construção de sua cooperativa, fortalece o sentimento de propriedade ou pertencimento, e mais este cooperado trabalhará para o sucesso da Cooperativa. Já as gerações seguintes a este associado, somente terão sentimento de pertencimento ao Cooperativismo se for trabalhado por meio de ações concretas para perceber a importância do mesmo em sua propriedade.

Neste contexto, sente-se a necessidade de que os cooperados devem aprender a cooperar. Esse é um fato reconhecido desde as origens das Cooperativas, sendo que a educação faz parte dos princípios cooperativos e estatutariamente deve ser implementada na organização como um todo e que se esquecido ou não praticado pode diminuir as capacidades competitivas das Cooperativas e trazer problemas econômicos para as mesmas (PRESNO, 2001).

Portanto, a educação cooperativista tem vital importância para o desempenho da cooperativa e o desempenho do cooperativismo. Por meio dela consegue-se lealdade e participação dos associados, criando um sentimento de pertencimento e identidade com a cooperativa que fazem parte. Ainda, segundo Felippi et all (2018), a educação cooperativista é uma opção para envolver o cooperado nas atividades da Cooperativa, buscando capacitá-los e conscientizá-los sobre os princípios cooperativistas; a solidariedade, a ajuda mútua.

Não apenas nos dias de hoje, mas também nas próximas gerações, visto a importância da doutrina cooperativista dentro da Cooperativa, torna-se necessário aplicá-la de maneira adequada.

SUCESSÃO FAMILIAR E TRANSFERÊNCIA DA DOCTRINA DO COOPERATIVISMO

Para o futuro de sucesso de uma Cooperativa, é extremamente importante e necessário a transferência da doutrina do cooperativismo entre e intra as gerações de famílias de cooperados, uma vez que o quadro social da Cooperativa sempre vai se renovando, onde os fundadores das cooperativas e os cooperados que trabalharam fortemente o cooperativismo para fortalecer a Cooperativa não estão mais participando das atividades, tendo em vista a idade avançada. Com isso, vem o desafio da sucessão familiar e da doutrina do cooperativismo na propriedade rural (MAYER E WERLANG, 2019).

O processo de sucessão geracional em propriedades rurais têm sido objeto constante de estudos no Brasil, uma vez que as condições de sucessão envolvendo a substituição de pai pelo filho na chefia da propriedade, ou mesmo a criação de novas propriedades, tem sido uma problemática (BRUMER E ANJOS, 2008). A preocupação em torno desta questão se deve ao êxodo rural seletivo que prioriza o segmento jovem e feminino da população, cujas consequências são a masculinização e o envelhecimento do campo, os quais, por sua vez tem gerado grandes dificuldades à reprodução social e dificultando o desenvolvimento pleno do meio rural como um todo (SPANVELLO, DREBBES E LAGO, 2011).

Na região Sul do Brasil, até o final da década de 1960, a sucessão familiar acontecia como um “processo natural”. Além de alimentos e matéria-prima, os agricultores produziam novos estabelecimentos no mesmo local onde viviam (através da repartição da terra) ou através da compra de outras áreas de terras para instalar seus filhos de forma independente (SPANVELLO et al, 2011).

Segundo Kischener, Kiyota e Perondi, (2015), no período recente, devido ao maior acesso à escolaridade, de disseminação dos meios de comunicação nos meios rurais, de políticas públicas de acesso, da liberação cultural das regras aceitas pela tradição, da diminuição do número de filhos nas famílias, entre outros fatores, os projetos de vida dos jovens passam a se impor ao projeto dos pais, o que reflete consequências no futuro da propriedade, podendo muitas vezes algumas unidades de produção ficar sem sucessores.

O que também tem se percebido, é que com o aumento dos custos de produção e a valorização da terra, muitas propriedades, ao repartirem as terras entre os filhos, torna inviável produzir e se manter na atividade, gerando conseqüentemente a venda ou o arrendamento dessas terras para um único herdeiro ou para outras propriedades. Com isso, o número de propriedades vai diminuindo e vai aumentando a concentração de terras nas mãos de poucos.

Outros fatores que dificultam o processo de sucessão são a falta de estímulo dos pais e a insegurança em transferir a propriedade para os filhos, bem como a busca dos jovens por independência financeira, sendo que na maioria das vezes não recebem remuneração pelo trabalho desenvolvido na propriedade (ANUARIO BRASILEIRO DA AGRICULTURA FAMILIAR, 2014).

A sucessão, em grande parte das propriedades rurais, também gera muitos conflitos. Geralmente, este problema é advindo da estrutura familiar que está inserida há vinte ou trinta anos, ou seja, é advindo das crenças, da cultura e da forma como as gerações vão repassando os ensinamentos. A continuidade da gestão da propriedade é constituída em longo prazo, sendo construída pelos pais conforme a maneira em que eles orientam e preparam os filhos para que, dessa maneira, os mesmos possam assumir os trabalhos da família (MAYER E WERLANG, 2019).

Em função do processo de globalização e das celebres mudanças, cada geração que compõe uma família possui uma forma de pensar e agir, sendo que muitas vezes os conflitos partem do não entendimento das crenças de cada geração. Por isso, deve-se conhecer o nascedouro de cada geração na construção deste cenário da sucessão, definindo-as e evidenciando as influências sócios históricos que as constituíram. Uma geração não é formada apenas por pessoas de mesma idade ou nascidas numa mesma época, e sim também por pessoas que foram modeladas numa época dada, por um mesmo tipo de influência educativa, política ou cultural, ou que vivenciaram e foram impressionados pelos mesmos eventos, desenvolvem sobre a base de uma experiência comum, os elementos de uma consciência de se ter vínculos em comum, o que pode ser chamado de sentimento de geração (REIS et al, 2013).

Não se cogita apenas de fazer comparações, visto que cada uma se prende com diferentes circunstâncias e contextos, sendo oriundas de sociedade e tempos distintos. Dessa forma, diante da ocorrência de mudanças tanto tecnológica, como comportamental torna-se necessário compreender os diversos tipos de gerações e estilos de liderança que cada uma se adequa. Entender e compreender um pouco sobre cada geração pode resultar num ambiente harmonioso de trabalho saudável e cooperativo, obtendo, dessa forma, resultados satisfatórios no processo de sucessão (REIS et al, 2013).

Ainda, percebe-se que o jovem de hoje é muito diferente do jovem de 30 anos atrás. Quando os pais eram jovens, não existiam as facilidades do mundo como existem hoje. O jovem de hoje está mais preparado, sendo que de acordo com estudo da FIESP/OCB, 43% dos produtores atuais tem ensino superior completo. O percentual é maior quando se trata dos herdeiros desses produtores do campo: 77% tem diploma universitário. Esse aumento de escolaridade facilita muito a adoção de novas tecnologias e também a permanência no campo, sendo que a atividade se torna muito mais fácil com a adoção da tecnologia, informação e conhecimento na palma da mão (ANUARIO BRASILEIRO DA AGRICULTURA FAMILIAR, 2014).

Com isso, as perspectivas de continuidade das propriedades rurais tendem a ser favoráveis quando os jovens têm acesso à terra, educação e lazer, acesso a tecnologias, autonomia dentro da propriedade, crédito e políticas públicas de incentivo para instalação como agricultor e estímulo de instituições locais de fomento técnico e rural. Entre estas instituições, destacamos as cooperativas agropecuárias devido à capilaridade que apresentam junto as propriedades, realizando interação social e econômica diretamente com os associados (DREBBES E SPANEVELLO, 2017).

Partindo da perspectiva do cooperativismo como promotor de melhores condições de vida para seus associados, pode-se atribuir a ele um importante aporte no processo sucessório dos estabelecimentos familiares cooperativamente atuantes: quanto maior a capacidade da cooperativa de atender as necessidades dos sucessores enquanto produtores e jovens rurais, maior a possibilidade de concretização da sucessão (MEMLAK E DEWES, 2014).

As cooperativas agropecuárias são instituições de influência direta sobre as propriedades familiares, sendo qualificadas como uma extensão da propriedade do associado, já que suas atuações vão muito além dos aspectos econômicos e produtivos. A interação com os associados através da assistência técnica, fornecimento de crédito, comercialização da produção, aperfeiçoamento produtivo e tecnológico, formação e informação são características que dão as cooperativas a possibilidade de influenciar na permanência de um sucessor na propriedade. A tomada de decisão de um jovem permanecer pode ter uma ligação intrínseca com a capacidade da cooperativa em atender as necessidades profissionais e sociais do sucessor em potencial (SPANEVELLO, DREBBES E LAGO, 2011).

Vale frisar que a sucessão geracional não diz respeito apenas à sobrevivência das propriedades rurais, mas também a sobrevivência das próprias cooperativas agropecuárias, pois com a saída cada vez mais acentuada dos jovens, fica a perspectiva de como se dará a renovação das gerações de agricultores no campo e do corpo de associados das cooperativas, uma vez que elas apenas mantem e renovam o seu quadro social através da sucessão dos filhos de agricultores (possíveis associados) no lugar dos seus pais (antigos associados) (SPANEVELLO, DREBBES E LAGO, 2011).

O atendimento dessas organizações às necessidades dos estabelecimentos agropecuários familiares e, sobretudo, dos jovens rurais considerados futuros sucessores, acredita-se na maior influência sobre a conscientização da sucessão. Sem sucessão não existem novos agricultores e não ocorre a renovação entre cooperados. Assim, essas organizações estão “amarradas” à continuidade dos estabelecimentos agropecuários dos cooperados através da sucessão, ou seja, da manutenção das novas gerações no meio rural e na agricultura (DREBBES E SPANEVELLO, 2017).

Ainda, vale considerar que as relações sociais existentes nas comunidades rurais podem reforçar os sentimentos de pertencimento, confiança e bem-estar dos jovens, tendo um papel tão importante quanto o econômico na opção dos jovens em permanecer ou não na propriedade (KISCHENER, KIYOTA E PERONDI, 2015).

METODOLOGIA

A metodologia descreve os procedimentos a serem seguidos para a realização de uma pesquisa e sua organização depende das peculiaridades de cada pesquisa. Portanto, cada pesquisa possui um procedimento que trará os resultados de forma mais clara e objetiva.

A pesquisa deste trabalho é classificada como uma pesquisa de caráter qualitativa, a qual procura aprofundar a compreensão de um grupo social, pois trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes de uma determinada população.

Como este tipo de pesquisa requer maior proximidade entre o pesquisador e os atores analisados, optou-se por associados da cooperativa da qual a autora faz parte como colaboradora, caracterizando, portanto, a presente pesquisa, quanto a sua metodologia como um estudo de caso. Os entrevistados são famílias de cooperados da Cooperativa Triticola Taperense LTDA (Cotrisoja), que tem sua sede no município de Tapera, região norte do Rio Grande do Sul. A Cotrisoja surgiu em 16 de abril de 1966, com 167 associados, com o intuito de receber e armazenar grãos colhidos pelos produtores do município de Tapera e também de facilitar e baratear o preço dos insumos agrícolas. Recepção e armazenagem de grãos, venda de insumos agrícolas e de todos os produtos úteis na lavoura eram realizadas pela cooperativa. O departamento técnico foi implantado para melhor atender ao produtor. No decorrer dos anos, também foram criados os departamentos de produção animal, industrial, de consumo, transporte, postos de combustíveis, além da instalação de armazéns (COTRISOJA, 2019).

A Cotrisoja ampliou suas instalações e instalou-se nos municípios de Selbach, Victor Graeff e Lagoa dos Três Cantos trabalhando por muitos anos nestes municípios. Em 2015, a Cooperativa resolveu ampliar suas instalações nos municípios de Ibirubá, Quinze de Novembro e Joia, arrendando unidades de uma Empresa particular do ramo do Agronegócio. Em parceria com o associado, a Cotrisoja busca por melhores resultados nas atividades desenvolvidas, fazendo com que o cooperado participe das decisões da cooperativa e tenha conhecimento do que se passa.

Para esta pesquisa, foram entrevistadas 6 famílias de cooperados, em dois ambientes de estudo:

1. Ambiente Sede: foram entrevistadas 3 famílias na região sede da Cotrisoja, onde atuam apenas Cooperativas Agropecuárias no ramo do Agronegócio e que o espírito do Cooperativismo é bastante ativo;
2. Ambiente Ibirubá: foram entrevistadas 3 famílias na região de Ibirubá, onde a Cotrisoja está atuando há apenas 4 anos e é uma região onde existem outras Cooperativas Agropecuárias e muitas Empresas Agro particulares concorrendo entre si e que o espírito do Cooperativismo é praticamente inexistente.

Assim, buscando compreender estes ambientes e também a forma como a doutrina do Cooperativismo é transferida entre as gerações de famílias de cooperados foram realizadas entrevistas com as 3 gerações de família de cooperados nos dois ambientes, sendo que foi organizado dois roteiros diferentes de entrevista: um para a geração de cooperados com idade superior a 70 anos e outro para a geração de adultos e jovens cooperados da mesma família. A entrevista foi realizada na propriedade de cada família de maneira simples e informal, seguindo o roteiro proposto e conversando livremente sobre o tema, buscando assim entender melhor as crenças e sentimentos de cada geração de família.

Com relação à técnica para coleta de dados, para obter-se os relatos orais, foi utilizada a história oral, por reconhecer-se que a liberdade de expressão permite que os indivíduos tragam suas percepções, vivências e anseios de forma mais profunda e, desta forma a transferência de *saberes*, que é o principal direcionamento da pesquisa, possa ser vista entre as gerações entrevistadas, bem como, a presença dos *saberes* dos antepassados que se faz presente na cotidianidade destes atores. Conforme enfatizado por Minayo (2016, p. 12), “as sociedades vivem o presente marcado pelo passado e é com tais determinações que constroem seu futuro, uma dialética constante entre o que está dado e o que será fruto de seu protagonismo”. Bosi (1983) contribui com a afirmativa de que a história oral junto com a valorização da memória ganhou espaço no campo das ciências humanas, como metodologia de pesquisa.

Na perspectiva da pesquisa que procura verificar a presença de valores do cooperativismo entre e intra as gerações dos associados da Cotrisoja como uma forma de incentivo à sucessão familiar, a mesma autora enaltece, ainda, que o vínculo com o passado está intrinsecamente ligado à formação da identidade dos indivíduos e valoriza o sentimento de pertencer a algum lugar. “A arte na narração não está confinada nos livros, seu veio épico é oral. O narrador tira o que narra da própria experiência e a transforma em experiência dos que o escutam” (BOSI, 1983, p. 43).

Quanto à natureza, a pesquisa é classificada como aplicada, pois tem por objetivo fim fornecer conhecimentos para a aplicação prática, dirigida à solução de problemas específicos de interesse local.

A pesquisa, quanto aos objetivos, é descritiva, pois busca proporcionar novas visões sobre uma realidade já conhecida, sendo que para isto foi realizada uma pesquisa de campo. Através deste método, buscou-se a informação diretamente com a população alvo através de uma entrevista semiestruturada, onde foi organizado um roteiro com questões abertas e fechadas que auxiliaram a levantar informações por parte da população pesquisada, com vistas a conhecer a opinião dos mesmos sobre o assunto em estudo.

Como técnica para análise dos dados coletados, optou-se pela divisão em categorias de análise, por compreender-se ser a forma mais clara para análise dos relatos obtidos junto aos entrevistados. As categorias analisadas foram: 1ª. O trabalho e a vida comunitária. 2ª. A familiaridade com a vida rural. 3ª. O cooperativismo na cotidianidade dos atores. 4ª. A percepção dos atores sobre o processo sucessório.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Conforme detalhado no item anterior, sobre o método, foram realizadas entrevistas para o levantamento dos dados, as quais somaram mais de 10 horas de conversa junto às famílias entrevistadas. Foram dispensadas algumas partes para a análise dos dados, porém toda conversa foi muito útil para sentir o que as famílias pensam, acreditam e sentem.

CONHECENDO O PERFIL DOS ATORES DA PESQUISA

As seis famílias entrevistadas possuem as três gerações morando na mesma propriedade. Ou seja, o avô que iniciou as atividades daquela propriedade, o pai ou mãe sucessor que continuou o trabalho dos pais e os filhos que estão trabalhando para seguir com a propriedade. A faixa etária dos idosos entrevistados, ou seja, os que iniciaram as atividades, é de 78 a 84 anos, sendo que todos eles ainda auxiliam nas atividades diárias da propriedade com serviços mais leves e que os fazem se sentir ainda ativos. Nenhum deles trabalha ativamente na lavoura hoje, somente ajudam na tomada de decisão acompanhado de os filhos e netos, levando sua experiência de vida e seus conhecimentos adquiridos como uma base para a tomada de decisão da propriedade. A faixa etária da 2ª geração é de 42 a 57 anos e da 3ª geração é de 16 a 30 anos, sendo que todos eles trabalham ativamente em todas as atividades da propriedade.

Quanto a escolaridade: dos idosos entrevistados, apenas 1 deles não teve oportunidade de estudo, uma vez que a escola era longe de sua casa, sua família não tinha condições financeiras na época para lhe proporcionar o estudo e ainda a família necessitava de mão de obra em casa para os afazeres do dia-a-dia. Os outros 5 idosos conseguiram estudar até a 4ª série indo a pé até a escola todos os dias, sendo que todas as crianças da vizinhança se juntavam e iam juntos estudar. Na 2ª geração 66 % dos entrevistados terminaram o ensino fundamental, e os outros 34% não completaram a 8ª série por que não gostavam de estudar. Já na 3ª geração apenas um não completou o ensino médio, em virtude de não gostar dos estudos e se sentir melhor trabalhando na propriedade, dos outros cinco, um está cursando o ensino médio e pretende terminá-lo, dois se formaram no ensino médio e aprofundaram os estudos em técnico em agropecuária para trazer conhecimentos e auxiliar na propriedade, um tem ensino médio normal e um tem ensino superior na área de Ciências Contábeis, cuja qual está utilizando seus conhecimentos para administrar a propriedade.

AS CATEGORIAS ANALISADAS

Conforme descrito na seção relacionada aos procedimentos metodológicos usados para a realização da pesquisa, na sequência são apresentados os resultados das entrevistas, de acordo com as categorias escolhidas.

O TRABALHO E A VIDA COMUNITÁRIA

Sabemos que as condições de vida dos mais idosos de cada propriedade não eram fáceis. Quando iniciaram as suas atividades nas suas propriedades, já incentivados por seus pais, a região estava apenas começando com a agricultura. As famílias eram numerosas e as áreas agricultáveis precisavam ser abertas (picadas),

para garantir o sustento da família. Nesta época, todos ajudavam uns aos outros dentro da família bem como na comunidade, para que todos tivessem uma boa qualidade de vida. A ajuda mútua, bem como a solidariedade e reciprocidade eram as principais características das famílias da 1ª geração de entrevistados. Foram eles que fundaram as comunidades, os times de futebol, as escolas, as igrejas e trabalhavam em prol delas de forma unida. Não havia energia elétrica, nem veículos e o trabalho era todo braçal, e mesmo assim visitava-se os parentes, juntavam-se na vizinhança para tomar um chimarrão e jogar cartas com frequência.

A 2ª geração de entrevistados já não dedica tanto tempo ao trabalho em conjunto em comunidades e vizinhança. Esta geração atravessou uma grande evolução do mundo, sendo que quando eles começaram a trabalhar efetivamente na agricultura, por volta dos anos 70, a mecanização e a modernização das atividades veio à tona, a energia elétrica surgiu e com isso os afazeres e compromissos aumentaram, sobrando menos tempo para as atividades em comunidades, bem como a visitação a vizinhos e parentes. De acordo com um dos entrevistados:

Quando se trabalhava na forma braçal, meio dia de serviço fazia pouca diferença, e então se aproveitava para passear nos vizinhos, jogar uma carta e tomar um chimarrão. Quando veio a mecanização e a tecnologia, o serviço começou a render mais, e então se aproveita o tempo para fazer outras coisas que antes não precisava fazer. A tecnologia foi muito boa para nós, porém trouxe com ela a burocracia e as papeladas, que hoje roubam bastante tempo nosso, e assim não sobra mais muito tempo para se ir passear nos vizinhos. Vamos quando dá uma folguinha, mas com bem menos frequência que nossos pais iam (ENTREVISTADO 1, GERAÇÃO 2).

Quando se perguntou a eles sobre sua participação nas comunidades todos responderam que participam, porém: “estamos tentando segurar as comunidades ativas, entretanto as pessoas, principalmente os mais jovens, estão cada vez mais individualistas e sem espírito de união, o que faz com que muitas pessoas se afastem das comunidades e muitas delas acabem por fechar” (ENTREVISTADO 3, GERAÇÃO 2).

Já a 3ª geração é a que menos participa das comunidades, uma vez que a tecnologia e a internet trouxeram para eles um novo estilo de vida, outras atividades para participar, outros círculos de amigos e outra forma de pensar. Assim, a participação deles na comunidade acontece com bem menor frequência do que das outras duas gerações. Porém, quando comparou-se os entrevistados da região Sede da Cotrisoja e a região de Ibirubá, observou-se que os jovens na região Sede tem maior participação e preocupação com as comunidades, uma vez que estão mais engajados na ajuda mútua de todos para manter a comunidade ativa.

A FAMILIARIDADE COM A VIDA RURAL

Na entrevista realizada, percebeu-se que os mais idosos possuem uma experiência de vida bastante ampla, uma vez que atravessaram muitas transformações até os dias de hoje. Todos eles contam que por um bom período, por volta dos anos 1940 a 1965, o trigo, o milho e os porcos eram a principal fonte de renda de cada propriedade. O trigo era colhido e levado até os moinhos e transformado em farinha para o consumo da família. O milho era cultivado e colhido para a alimentação dos animais e porcos, principalmente. Os porcos eram a principal fonte de renda, uma vez que os produtores os engordavam e depois vendiam a banha e mais alguns derivados nas casas de comércio que existiam na época. As casas de comércio eram de propriedade particular, e com o dinheiro da venda da banha e derivados, os produtores compravam os outros alimentos

necessários para a sobrevivência, compravam terra e maquinário, quando este começou a surgir por volta dos anos 1960. Todo o trabalho era realizado de forma braçal e de forma unida por toda família.

A partir dos anos de 1960, a produção de trigo começou a aumentar e então os agricultores sentiram a necessidade de vender o excedente. As casas de comércio já não conseguiam comprar toda produção e então era necessário vender para outros. Porém, os compradores eram de regiões distantes e dificultava bastante a entrega, em virtude da dificuldade de transporte e da distância. A partir disso, os agricultores começaram a se unir e formaram as cooperativas da região, com o objetivo principal de receber e armazenar os grãos colhidos pelos produtores e também de facilitar e baratear o preço dos insumos agrícolas que eram necessários para a formação das lavouras.

Aos poucos, foi sendo implantado a cultura da soja na região e então as cooperativas foram implantando o departamento técnico para melhor atender ao produtor e ajudá-lo a difundir as tecnologias que estavam chegando. Segundo os entrevistados da 1ª geração, a Cooperativa foi extremamente importante para o desenvolvimento de todas as propriedades agrícolas, principalmente contando com a ajuda do departamento técnico, que sempre estava bem informado de todas as novas técnicas e serviços que podiam ser implantados nas propriedades, gerando maior rentabilidade ao agricultor. Com as Cooperativas o agricultor começou a se sentir seguro em relação a sua produção, pois tudo o que colhia e precisava para a sua lavoura a Cooperativa comercializava. De acordo com um dos entrevistados:

Colhíamos nosso grão, levávamos para a Cooperativa e quando queríamos vender, sabíamos que o produto estava lá e já saíamos com o dinheiro na mão. Na época foi uma das melhores coisas que aconteceram para o produtor da região e com isso trouxe rentabilidade e segurança ao produtor. As Cooperativas foram as grandes responsáveis pelo desenvolvimento da agricultura na nossa região (ENTREVISTADO 1, GERAÇÃO 1).

Os entrevistados da 2ª geração, acompanharam boa parte desta evolução e do desenvolvimento da agricultura, e conseqüentemente das propriedades. Porém, quando eles começaram efetivamente a fazer os negócios da propriedade a agricultura e o mercado já estavam bastante evoluídos em relação à época em que seus pais começaram, e aos poucos foram se adaptando ao mercado e as formas de fazer negócio, trazendo cada vez mais rentabilidade para a agricultura.

Já a 3ª geração, nasceu numa era em que a tecnologia está se difundindo de forma acelerada nas propriedades. Desde que está geração nasceu, as propriedades são mecanizadas, o maquinário é bastante tecnológico, a internet está presente em quase todas as propriedades, o sistema de georeferenciamento (GPS) é bastante usado. Assim, esta geração está vivendo uma era em que tudo é mais fácil: os negócios podem ser feitos pelo celular, qualquer problema pode ser resolvido através de uma ligação, o crédito para investir na propriedade é de fácil acesso, etc.

Analisando as 3 gerações em cada propriedade, percebeu-se que as crenças e sentimentos de cada geração são diferentes. A 1ª geração, ou seja, dos mais idosos, possui ideais mais conservadores e são mais seguros, sendo que a evolução da agricultura trouxe uma ampla experiência de vida, fazendo com que as suas opiniões sejam transpassadas com maior segurança e convicção. Eles não são adeptos a tecnologia e são contrários aos investimentos em tecnologia. A 2ª geração, é um grupo de pessoas que foi crescendo e se adaptando a todas as evoluções, sendo que a característica deles é possuir a vontade de melhorar tecnologicamente a propriedade e acompanhar o mercado, mas com a segurança que aprenderam dos pais. Já a 3ª geração, tem ideias inovadoras, tem vontade de melhorar tudo e investir em todas as tecnologias possíveis, porém não

planeja financeiramente, não tem segurança e acha que tudo é possível, ou seja, não tem medo de fazer dívidas e quer melhorar constantemente. Contudo, como cada geração possui seu perfil, muitas vezes ocorrem conflitos na propriedade. Situação que fica mais clara, a partir do depoimento abaixo,

É muito importante possuir as 3 gerações trabalhando juntos, pois cada um possui uma experiência de vida e isso gera um bom equilíbrio; sabemos que nos dias de hoje é importante investirmos na propriedade e acompanhar as tecnologias, mas mais importante ainda, para garantir o futuro da propriedade, é saber planejar e saber no que é realmente necessário investir, o que realmente vai nos trazer retorno, sempre com os pés no chão e com a opinião de todos (ENTREVISTADO 4, GERAÇÃO 2).

A partir do exposto na fala do associado acima, depreende-se o quão importante se faz a presença da cooperativa no processo de tomada de decisão dos investimentos na propriedade rural. Por isso, considerou-se relevante, aos objetivos desta pesquisa, conhecer a percepção dos associados da Cotrisoja a respeito do cooperativismo e, especificamente, da cooperativa estudada, levando-se a reciprocidade entre ambos: associado e cooperativa.

O COOPERATIVISMO NA COTIDIANIDADE DOS ATORES

Durante a entrevista, conversamos com a 1ª geração sobre a evolução do Cooperativismo, em meio a está evolução da agricultura. Todos frisaram que as Cooperativas agropecuárias foram as mais importantes para o desenvolvimento da agricultura. Logo após o surgimento das Cooperativas agropecuárias, surgiram também na região, a Cooperativa de Crédito Sicredi que também auxiliou no crescimento das propriedades por meio de oferta de crédito para investimentos na melhoria das propriedades com condições e juros facilitados de pagamento, e a Cooperativa de energia elétrica Coprel que foi uma das Cooperativas mais importantes para a geração de qualidade de vida às famílias e que hoje é a principal responsável em levar internet ao campo. Todos os entrevistados desta geração são associados da Cooperativa Sicredi, da Coprel e de 2 Cooperativas Agropecuárias, sendo que todos eles trabalham quase que exclusivamente com Cooperativas, ou seja, somente compram em empresas particulares se a Cooperativa não tem o produto de que eles precisam. Na 2ª geração, os entrevistados são associados da Sicredi, Coprel e de uma ou duas Cooperativas na região Sede da Cotrisoja e de duas ou três Cooperativas na região de Ibirubá. Na 3ª geração, percebe-se que os jovens são sócios apenas do Sicredi e de Cooperativa Agropecuária na região Sede e de duas Cooperativas na região de Ibirubá.

A 2ª e a 3ª geração na Região Sede trabalham apenas com Cooperativas e eventualmente com particulares, quando não encontram o produto que precisam, e na Região de Ibirubá estas gerações trabalham ativamente com empresas particulares e Cooperativas, sendo que de acordo com um dos entrevistados:

Estamos numa era de muito custo na propriedade, os insumos estão muito caros e então precisamos aumentar a rentabilidade da nossa propriedade para poder garantir nosso futuro, para isso trabalhamos com pesquisa de preço e a empresa ou Cooperativa que tiver o melhor preço naquele insumo nós compramos. Na hora da entrega do grão, preferimos entregar onde tem o maior benefício ou melhor preço do grão, para então trazer mais rentabilidade. Às vezes damos prioridade para a empresa ou Cooperativa que possui a assistência técnica mais ativa ou mais presente. Trabalhamos com quem nos apresenta melhor vantagem. (ENTREVISTADO 3, GERAÇÃO 2).

Este perfil de produtor vai ao encontro do que alguns autores como Marshall (2009) e Rosa e Alves (2017) já mencionaram anteriormente, em que dizem que um dos maiores problemas que as Cooperativas enfrentam hoje é o oportunismo, onde os cooperados – pela sua própria busca de lucro – são tentados a comprar da Cooperativa apenas quando acharem os preços convenientes para eles e a cumprir o compromisso de entregar a sua produção somente quando não tiverem melhores oportunidades no mercado. Assim, as Cooperativas precisam ter uma gestão social forte que iniba esses comportamentos, senão podem ficar presas a círculos viciosos que comprometem os seus resultados, bem como a doutrina do Cooperativismo.

Quando entrevistamos a 2ª e 3ª geração na Região Sede da Cotrisoja, os entrevistados mencionaram que escolhem trabalhar apenas com uma Cooperativa. A seguir o registro das colocações dos entrevistados sobre as justificativas de sua fidelidade à cooperativa: a. A cooperativa nos fornece tudo o que precisamos na nossa propriedade: ela nos fornece assistência técnica de qualidade; está presente em nossa propriedade sempre que precisamos; está pronta para nos ajudar quando precisamos. b. Nos traz segurança na realização dos negócios; sabemos que o produto que foi depositado nela será cuidado corretamente; traz condições de negócios atrativas para que possamos escolher a forma que melhor se adapta a realidade da propriedade. c. A cooperativa tem praticamente todos os insumos que precisamos e com a qualidade necessária; pensa em toda família buscando valorizar cada pessoa da propriedade (mulheres, homens e jovens); trabalha com preço justo na entrega do grão; tem a distribuição das sobras; podemos opinar nos negócios pois somos donos dela também; o trabalho realizado com união é mais promissor do que cada um por si. A Cooperativa possui tudo o que precisamos, apenas precisamos nos adaptar a ela.

Com este pensamento, percebe-se que os produtores da Região Sede possuem um espírito Cooperativista mais bem desenvolvido em todas as gerações da propriedade, ou seja, para eles o que realmente importa é ter uma Cooperativa para trabalhar que lhes gere segurança e transparência.

Diante deste cenário, o que também observa Forgiarini, Alves e Mendina (2018), é que quando o cooperado participa desde o início da construção de sua cooperativa, fortalece o sentimento de propriedade e mais este cooperado trabalhará para o sucesso da Cooperativa. Já as gerações seguintes a este associado, somente terão sentimento de pertencimento ao Cooperativismo se ele for trabalhado para perceber a importância do mesmo em sua propriedade.

Ainda durante as entrevistas, conversamos sobre as características das Cooperativas. O que pode ser visto nos depoimentos das três gerações, conforme a seguir e de acordo com cada geração analisada.

Depoimentos geração 1: Os entrevistados desta geração falaram sobre como enxergam a evolução das cooperativas na região; a participação deles na Assembleias e como avaliam a distribuição de sobras.

A percepção de um dos entrevistados sobre a evolução da cooperativa pode ser traduzida a partir da fala de um dos entrevistados, conforme abaixo:

Quando as Cooperativas iniciaram as suas atividades elas trabalhavam muito em prol do desenvolvimento de todas as propriedades agrícolas, não importando se era pequeno ou grande produtor, hoje percebe-se que a maioria delas está mais preocupada com o seu crescimento e faturamento no mercado do que preocupado com o agricultor, sendo que as vezes o produtor maior tem maior vantagem do que o pequeno, pois representa um maior volume de faturamento. (ENTREVISTADO 2; GERAÇÃO 1).

Com relação à participação deles nas assembleias, alguns responderam que no início participavam mais e sentiam que podiam dar sua opinião sobre a condução dos negócios da cooperativa. Atualmente sentem maior distanciamento entre os que estão na condução da cooperativa e os associados, o que os desencoraja a manifestar sua opinião. Na fala do Entrevistado 2 “hoje não temos mais a coragem de colocar nossa opinião, pois o negócio ficou amplo e acabamos confiando nas pessoas que estão realizando a gestão da Cooperativa. Se houve sobras ao final do exercício, significa que a Gestão é boa, isso que importa”. O que significa, portanto, que os associados estão delegando as decisões aos dirigentes.

Sobre a distribuição de sobras é consenso entre os entrevistados que sempre foi e é um dos grandes benefícios em trabalhar com a Cooperativa, pois valoriza o trabalho de cada agricultor que trabalhou pela Cooperativa para que ela crescesse e se torna-se forte.

Depoimentos gerações 2 e 3: os representantes destas gerações responderam sobre sua participação nas assembleias da cooperativa e como avaliam a distribuição de sobras.

A participação nas assembleias se dá para que tomem conhecimento sobre os investimentos e rumos que a Cooperativa está tomando, uma vez que, para ele, é importante saber se a Cooperativa apresenta resultados que denotem equilíbrio de suas finanças.

A distribuição das sobras é considerada como um importante benefício, porém, como o valor em si não é muito representativo, acreditam que a Cooperativa deveria utilizar este valor para realizar investimentos.

Porém, nessas gerações percebemos uma diferença de pensamento em relação ao Cooperativismo nas duas regiões, ou seja, na Região Sede os entrevistados acreditam que em função de não possuir empresas particulares atuando no mercado da região, a Cooperativa consegue difundir o cooperativismo na região, através de um trabalho conjunto entre Direção, funcionários, assistência técnica e produtores, o que faz com que os agricultores se sintam cada vez mais motivados em participar e trabalhar com a Cooperativa, independente da geração; já na Região de Ibirubá, o Cooperativismo está sendo deixado cada vez mais de lado em função da ampla concorrência no mercado em que a Cooperativa está inserida, uma vez que para se sustentar no mercado, a Cooperativa acaba caindo na mesma vala da concorrência por preços que as demais empresas particulares, o que acaba prejudicando bastante a difusão do Cooperativismo através das gerações e o objetivo principal da existência de uma Cooperativa: a ajuda mútua entre todos os cooperados pelo crescimento de todos. Como os autores Andrade e Alves (2013), já afirmavam: as Cooperativas precisam lutar para se fortalecer frente a concorrência cada vez mais acirrada e às mudanças no ambiente competitivo, elas estão passando por adaptações em suas posturas diante da realidade de mudanças constante do mercado competitivo e estão buscando se profissionalizar no que se refere ao processo de gestão e às relações com seus associados e se adaptar às regras de mercado, obtendo maior credibilidade sem deixar de ser Cooperativa.

Este sentimento acaba gerando uma preocupação em relação ao futuro das Cooperativas nesta região, uma vez que os princípios cooperativistas acabam por ser deixados de lado e dão espaço a um ambiente em que prevalecem a vantagem própria e o individualismo, o que, com certeza, refletirá na diminuição do quadro social das Cooperativas, bem como no futuro das mesmas, pois quando os associados não possuem mais o espírito Cooperativista, toda a Cooperativa fica comprometida, colocando em dúvida a existência da Cooperativa ao longo dos anos, como já diziam os autores Spavenello, Drebes e Lago (2011).

A PERCEPÇÃO DOS ATORES SOBRE O PROCESSO SUCESSÓRIO

Durante a entrevista buscamos entender como se dá a sucessão familiar nas propriedades, uma vez que a sucessão é a garantia de que a propriedade seguirá trabalhando e sustentando tudo aquilo que já foi conquistado. Segundo um dos idosos entrevistados,

Ter um filho que segue as nossas atividades e que mantém e melhora o patrimônio que trabalhamos para conquistar é muito gratificante, é o sonho de cada pai; é uma pena que nem todas as propriedades possuem sucessores; acredito que nem todos possuem o dom de cultivar a terra e serem agricultores, porém o incentivo para ficar na propriedade deva vir desde cedo, desde criança, assim há maiores chances de se desenvolver um sucessor (ENTREVISTADO 4; GERAÇÃO 1).

Os entrevistados da 1ª geração frisaram que para manter um sucessor na propriedade ou preparar os filhos para continuarem na atividade é extremamente importante envolver todos nas atividades da propriedade bem como nas decisões que são tomadas, ou seja, incentivar todos a realizar as atividades do dia-a-dia e incentivar que todos participem e deem sua opinião quando são tomadas decisões importantes na propriedade são uma das formas que fazem com que o sucessor se sinta envolvido pela atividade e pelo trabalho em conjunto. Em todas as 6 propriedades, os filhos da 1ª geração seguiram na agricultura, alguns na mesma propriedade que o pai, outros formaram outra propriedade, porém todos conseguiram seguir desenvolvendo o trabalho inicial dos pais. Os filhos da 2ª geração também estão todos trabalhando e morando na propriedade junto com seus pais ou em outras propriedades, pelo menos até o momento.

Também vale a pena frisar que, os entrevistados da 1ª geração acreditam que era muito mais fácil desenvolver sucessores antigamente do que nos dias de hoje. A 2ª geração está enfrentando maiores problemas com seus filhos, buscando manter os na propriedade, uma vez que a internet, a tecnologia, a qualidade de vida, a cidade, as indústrias, o ganho de dinheiro próprio está atraindo os jovens para fora da propriedade. Muitos jovens não se identificam com a agricultura e estão sendo cada vez mais cativados pelas outras formas de sustento, ou seja, muitos querem ganhar seu próprio dinheiro, trabalhando e estudando na cidade, outros acham a vida de agricultor muito árdua, outros não veem a oportunidade da agricultura, e assim por diante, como afirmam os autores Kischener, Kiyota e Perondi, (2015). De acordo com o Entrevistado 4:

Nós não tivemos muita oportunidade de estudo e a agricultura era o nosso principal sustento, nossos pais nos incentivaram, nós gostávamos de trabalhar no interior e então permanecemos e estamos desenvolvendo as atividades com toda dedicação; porém, não está fácil manter os nossos filhos na agricultura, buscamos envolver eles em todas as atividades e decisões para que eles tomem gosto pelo negócio e sejam nossos sucessores; acredito que estamos fazendo nossa parte (ENTREVISTADO 4; GERAÇÃO 2).

Diante deste desafio, conversamos com os entrevistados sobre o papel da Cooperativa no trabalho de sucessão rural das propriedades. Quando conversamos com as 3 gerações, todas elas chegaram na mesma opinião. Em termos gerais, as cooperativas são vistas como muito importantes para auxiliar no trabalho de sucessão rural das propriedades, uma vez que podem ajudar os pais a motivar seus filhos a continuarem na propriedade. Acreditam que a melhor forma de fazer isso seja através da assistência técnica, pois está é a li-

gação direta da Cooperativa com a propriedade, uma vez que o técnico responsável pela propriedade e pode, portanto, motivar a participação dos jovens na lavoura, incentivando-os a manejar bem a lavoura visando melhores lucros, incentivando a desenvolver tecnologias e investir na propriedade e acima de tudo englobando-os em todas as decisões que são feitas na propriedade.

Ainda frisaram que a Cooperativa pode trazer cursos, palestras, encontros técnicos e eventos sociais para que os nossos jovens participem, visando profissionalizar os mesmos, preparando os para melhor manejar e administrar as propriedades.

Porém, vale salientar também que os entrevistados afirmam que a Cooperativa pode ajudar a formar um sucessor para a propriedade, mas o principal dever é dos pais e dos avós; são eles que vão repassar e ensinar os valores do trabalho em união na propriedade, da solidariedade de um para com o outro, do gosto pela agricultura, da importância do bom planejamento da propriedade, do espírito de cooperativismo, desde que eles são crianças, para que aos poucos construam a sua própria identidade e sejam bons sucessores. Segundo os entrevistados, se os pais não incentivam e não se preocupam com o futuro da propriedade, é bem provável que o filho não vá se interessar pela propriedade, e então a Cooperativa também não conseguirá mudar o pensamento deste jovem.

Este pensamento vai ao encontro de Mayer e Werlang (2019), quando afirmam que a continuidade da gestão da propriedade é constituída em longo prazo, sendo construída pelos pais conforme a maneira em que orientam e preparam os filhos para que, dessa maneira, os mesmos possam assumir os trabalhos da família.

Finalmente o que os entrevistados frisam é que a melhor forma de trabalhar-se é em conjunto com a Cooperativa, visando um futuro promissor para os dois, pois se a propriedade tem sucessores também há cooperados que vão seguir a história da Cooperativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização desta pesquisa permitiu compreender a percepção dos associados entrevistados sobre seus sentimentos e crenças que envolvem o espírito do Cooperativismo entre e intra as gerações de cooperados da Cotrisoja, bem como as características da sucessão rural nos dias de hoje e o conseqüente fortalecimento das Cooperativas ao longo dos anos. A partir desta pesquisa, foi possível chegar à conclusão de que o ambiente em que a família está inserida tem ligação direta com suas crenças e sentimentos referentes ao tema abordado, ou seja, o ambiente tem o poder de influenciar na forma das pessoas pensar e agir.

Os idosos da 1ª geração trabalharam arduamente para conquistar o seu patrimônio, foram auxiliados pelas Cooperativas a gerarem mais rentabilidade em suas propriedades e estes ajudaram as Cooperativas a se desenvolverem numa época em que as mesmas predominavam. Estas características fazem com que os idosos da 1ª geração tenham um espírito Cooperativista muito mais forte que os das demais gerações e este sentimento de pertencimento ao Cooperativismo faz com que eles valorizem ao máximo as Cooperativas na qual pertencem, independente dos ambientes estudados.

Concluiu-se também que o ambiente em que possui apenas Cooperativas atuando no mercado, o espírito do Cooperativismo é bastante presente entre e intra todas as gerações de cooperados da família. Tanto idosos, quanto adultos e jovens veem os benefícios que as Cooperativas trazem para suas propriedades, valorizam todos os trabalhos que a Cooperativa faz pelas pessoas da propriedade, e procuram trabalhar em conjunto: propriedade e Cooperativa, para poder garantir um futuro promissor para os dois. Quando as 3 gerações da família, acompanhado de a Cooperativa, estão engajadas no trabalho em conjunto, na solidariedade de um

para com o outro, tudo gera bons frutos: a propriedade formará sucessores de sucesso com maior facilidade, a cooperativa terá seu reconhecimento e conseguirá se manter forte ao longo dos anos, substituindo os cooperados idosos pelos jovens.

Por outro lado, concluiu-se que o ambiente em que possui maior concorrência de mercado e que possui empresas particulares e Cooperativas trabalhando no mesmo ramo, o espírito do Cooperativismo é praticamente inexistente entre adultos e jovens da família de entrevistados. A ampla concorrência no mercado em que as Cooperativas estão inseridas, faz com que os adultos e jovens estejam cada vez mais longe dos princípios cooperativistas, se importando mais com os benefícios e vantagens próprios do que com a sociedade como um todo. Acredito que esta seja a grande preocupação das Cooperativas inseridas neste ambiente, uma vez que precisam se adaptar ao mercado, se tornando competitivas sem deixar de ser Cooperativa, para garantir que tenham bons resultados e que estes adultos e jovens tornem-se seus associados, levando uma vida longa a mesma.

Assim, percebe-se que a forma da Cooperativa trabalhar acompanhado de seus associados precisa estar adaptada a cada ambiente, ela deve estar atenta as mudanças de mercado e adaptar-se a elas, porém, ela jamais deve deixar de desenvolver seus princípios Cooperativistas. A educação cooperativista torna-se fundamental neste processo, uma vez que através da educação consegue-se influenciar as pessoas em suas ideias, modo de pensar, de interpretar a vida social, especialmente a da realidade da cooperativa, sugerindo ou levando-os a comportamentos e visões de mundo favoráveis à prática cooperativa. Também, conclui-se que a assistência técnica da Cooperativa é muito importante neste processo, uma vez que consegue ensinar as pessoas a cooperar e obter um bom relacionamento com a família dos cooperados, e com isto influenciar em muitas decisões da propriedade, como a permanência de um sucessor de sucesso e a consequente manutenção do quadro social da Cooperativa.

Enfim, quanto mais forte forem as crenças e sentimentos sobre o cooperativismo em todas as gerações de família e quanto maior for a aproximação da Cooperativa com seus cooperados, principalmente em um ambiente onde existe forte concorrência com empresas particulares, mais facilmente o espírito do Cooperativismo é transferido para as próximas gerações, o que gera um futuro promissor para as nossas Cooperativas Agropecuárias.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Marta Cleia; ALVES, Daniela Cristina. Cooperativismo e Agricultura Familiar: um estudo de caso. **Revista de Administração IMED**, v. 3, n. 3, p. 194-208, 2013.
- ANDRADE, Paula. O que vem pela frente? **Revista Saber Cooperar**. Sistema OCB, Ano VIII, nº 24, p. 11 – 13, 2018.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade – Lembranças de Velhos**. 2 ed. São Paulo: T.A. Queiroz Editor, 1983.
- BRUMER, Anita; DOS ANJOS, Gabriele. Gênero e reprodução social na agricultura familiar. **Revista Nera**, n. 12, p. 6-17, 2012.
- BÜTTENBENDER, Pedro Luís. **Doutrina e educação cooperativa**. Ijuí: Ed. Unijui, 2008.
- COMO FAZER O JOVEM PERMANECER NO CAMPO? **Anuário Brasileiro da Agricultura Familiar**, Ed. Bota Amarela, p. 29-33, 2014.
- COTRISOJA, COOPERATIVA TRITICOLA TAPERENSE LTDA. **Sobre nós: Como tudo começou**. Disponível em: <www.cotrisoja.com.br> Acesso em 02 de janeiro de 2020.

- DE SOUZA COSTA, Luciano. O cooperativismo: uma reflexão teórica. **Revista Ciências Sociais em Perspectiva**, v. 6, n. 11, p. 55-64, 2007.
- DREBES, Laila Mayara; SPANEVELLO, Rosani Marisa. Cooperativas agropecuárias e o desafio da sucessão na agricultura familiar. **HOLOS**, v. 2, p. 360-374, 2017.
- FABRIS, Adilson José. **Cooperativas da agricultura familiar: o caso das cooperativas do território médio Alto Uruguai e sua contribuição para o desenvolvimento regional**. Santa Cruz do Sul/RS. 2012.
- FELIPPI, Ângela Cristina Trevisan et al. Territórios, Redes e Desenvolvimento Regional: Perspectivas e Desafios. **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional**, v. 14, n. 2, 2018.
- FORGIARINI, Deivid Ilecki; ALVES, Cinara Neumann; MENDINA, Heitor José Cadematori. Aspectos teóricos do cooperativismo e suas implicações para a gestão de cooperativas. **Revista de Gestão e Organizações Cooperativas**, p. 21-36, 2018.
- FRANTZ, Walter. **Associativismo, cooperativismo e economia solidária**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2012. – 162 p.
- KISCHENER, Manoel Adir; KIYOTA, Norma; PERONDI, Miguel Angelo. Sucessão geracional na agricultura familiar: lições apreendidas em duas comunidades rurais. **Mundo agrário**, v. 16, n. 33, 2015.
- MARSCHALL, Clélio Roberto. Motivações para o cooperativismo na pequena propriedade. **Organizações & Sociedade**, v. 16, n. 49, 2009.
- MAYER, Carine Eyng; WERLANG, Nathalia Berger. **SUCESSÃO FAMILIAR: Mapeamento Bibliométrico a partir do construto de sucessão**. 2019. Disponível em: https://eventos.uceff.edu.br/eventosfai_dados/artigos/inovaagro2016/581.pdf. Acesso em 24 de abril de 2019.
- MEMLAK, Adriana Fátima; DEWES, Fernando. **Cooperativismo e Juventude: as perspectivas de participação dos jovens das famílias associadas à cooperativa extremo norte**. Comissão Editorial, v. 90240, p. 15, 2014.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Editora Vozes Limitada, 2016.
- NOVA RURALIDADE: Pequeno produtor necessita pensar grande para ocupar seu espaço. **Anuário Brasileiro da Agricultura Familiar**, Ed. Bota Amarela, p. 35-36, 2014.
- PRESNO, Nora. As cooperativas e os desafios da competitividade. **Estudos Sociedade e Agricultura**, p. 119-144. 2001.
- REIS, Patricia Nunes Costa et al. O alcance da harmonia entre as gerações baby boomers, x e y na busca da competitividade empresarial no século XXI. **Simpósio em Excelência em Gestão e Tecnologia–SEGET**, v. 23, 2013.
- ROSA, Hiago Pacheco; ALVES, Cinara Neumann. EDUCAÇÃO, FORMAÇÃO E INFORMAÇÃO: O 5º PRINCÍPIO DO COOPERATIVISMO EM UMA COOPERATIVA DE SANTANA DO LIVRAMENTO. **Seminário Internacional sobre Desenvolvimento Regional**, 2017.
- SILVA, Paola; SANTOS, R. A.; OLIVEIRA, A. C.; Doutrina e Princípios Cooperativista: Um Estudo de Caso na Cooperativa Maxi Mundi. **Revista Científica do ITPAC**. Araguaína, Tocantins, 2012.
- SISTEMA OCB. Disponível em: <www.ocb.org.br> Acesso em: 10 de set. 2019.
- SPANEVELLO, Rosani Marisa; DREBES, Laila Mayara; LAGO, Adriano. A influência das ações cooperativistas sobre a reprodução social da agricultura familiar e seus reflexos sobre o desenvolvimento rural. In: **CONFERÊNCIA DO DESENVOLVIMENTO**. 2011.
- SPANEVELLO, Rosani Marisa et al. A migração juvenil e implicações sucessórias na agricultura familiar. **Revista de Ciências Humanas**, v. 45, n. 2, p. 291-304, 2011.